



Palavras - chave:
Crônica jornalística;
modernidade; discurso e
representação; Paranismo..

PROJETO DE PESQUISA: O POVO FLANA NAS RUAS: TENSÕES DISCURSIVAS NA BUSCA POR UMA IDENTIDADE (PONTA GROSSA / PARANAGUÁ 1910-1920)

Alvio Vicente da Rocha ¹

Niltonci Batista Chaves ²

INTRODUÇÃO

Resumo: O objeto de estudo são as crônicas “Ponta Grossa de Hoje” escritas por Raul Gomes e publicadas no jornal “O Progresso” em 1912. Esses textos são compreendidos como documento/monumento do discurso e da representação da cidade ponta-grossense. Nestes textos, além do narrador apontar Ponta Grossa como uma cidade moderna, o mesmo a projeta, num futuro próximo, como uma “cidade ideal”. Crônicas semelhantes foram produzidas para a cidade de Paranaguá, pelo mesmo jornalista, a pretexto de mediar uma possível intriga entre os jornais sobre qual das duas cidades era a mais moderna. Disto segue a problematização sobre a veracidade deste embate, uma vez que há a hipótese de uma artimanha jornalística para proporcionar um debate em torno da criação de uma identidade moderna no Estado. Essa abordagem se aproxima dos moldes do Paranismo, entretanto com grande interferência política. Estes aspectos levaram a questionar se tal representação de modernidade é verificada em fontes textuais (jornais e revistas) e quais são seus agentes fomentadores, considerando as primeiras décadas do século XX. Entre os autores citados para desenvolver o projeto estão Benjamin, Bourdie, Capelato, Chartier, Chaves, Davis, Ginzburg, Le Goff, Pereira e Pesavento.

A cidade, construída e habitada por seres humanos que partilham de um convívio social, não se resume somente às suas edificações, ruas, calçadas, praças e monumentos. Apesar de parecer, a priori, um “ser inanimado”, ela também pode ser sentida, cheirada, abraçada, enfim, vivida. É através dela que projetamos o nosso ir e vir, o nosso trabalho, o nosso estudo, e o nosso lazer. Bem por isso, estamos sempre buscando entendê-la, melhorá-la, aperfeiçoá-la, torná-la melhor habitável e, por que não, contá-la.

Para contá-la, não seria surpreendente que isso se fizesse através do jornal, uma vez que, por muito tempo, ele foi o meio de comunicação que alcançava uma parte da população urbana. Esse alcance se dava não só pelos anúncios ou pelas notícias de destaque, mas também através da crônica, um gênero textual elaborado de forma subjetiva, com narrativa curta e relacionado ao cotidiano.

Com base nisso, elegem-se as crônicas como o objeto de estudo, com recorte nas publicações do jornal ponta-grossense “O Progresso”³. Cabe salientar que a compreensão do jornal como fonte de pesquisa é considerada recente na historiografia. Conforme observa a historiadora brasileira Capelato (1988, p. 21),

Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade.

Na Europa, nas primeiras décadas do século XX, começou um levante com críticas à história tradicional pela Nova História. Segundo Le Goff (2011, p. 133),

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e de Seignobos, essencialmente baseada em textos e documentos escritos, por uma história fundamentada numa ampla variedade de documentos: es-

1 Discente no Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bacharel em Letras Inglês pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

2 Orientador. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em História (PPGH/UEPG) e também do Programa do Mestrado Profissional em História (PROFHIST/UEPG).

3 O jornal “O Progresso” foi fundado em Ponta Grossa em 1907 por Jacob Holzmann. Ao longo de sua existência ele passou por várias transformações, como a mudança de nome, em 1913, para “Diário dos Campos”, já sob a direção da Companhia Tipográfica Ponta-grossense. (CHAVES, 2001, p. 34). Como o recorte de estudo da pesquisa abrange os dois períodos, o jornal poderá ser citado pelos dois nomes.

critos de todos os tipos, documentos iconográficos, resultados de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme ou quando se trata de um passado mais longínquo, vestígios pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são documentos de primeira ordem para a história nova.

Este movimento foi inaugurado na França pela Escola dos Annales. Existiram diversas fases do movimento, visando à ampliação de novas abordagens bem como o diálogo com outras áreas de conhecimento (NOVAIS & SILVA, 2011).

Assim, o jornal se constitui como uma importante fonte de pesquisa. Nas palavras de Capelato (1988, p. 21),

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres” mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas.

Em Ponta Grossa, como mencionado, existia um periódico intitulado “O Progresso” que contava com a participação de vários colaboradores, dentre os quais figurava o nome do jornalista Raul Rodrigues Gomes⁴, que escrevia para o jornal Folha da Manhã de Curitiba. Um fato curioso aconteceu em 1912, quando o colunista Antônio Gomes, do jornal “O Correio do Sul”, escreveu um texto no qual fazia um comparativo entre as cidades de Ponta Grossa e Paranaguá, com um suposto favorecimento a esta última. Lendo a matéria, os articulistas do jornal “O Progresso” logo saíram em defesa da cidade princesina, veiculando respostas em artigos que circularam por algumas edições. Ao fim do embate, surgiu a ideia de Raul Gomes visitar os municípios envolvidos e, em uma série de crônicas, relatar as suas impressões sobre os mesmos. Tais textos seriam posteriormente transcritos para os periódicos neles instalados. O resultado disso foi a publicação de 15 crônicas transcritas no jornal “O Progresso” em 1912, que compõem parte do conjunto documental

dessa pesquisa.

Segundo Le Goff (2014, p. 108), “todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo”. Isso nos leva a questionar sobre a intriga entre os colaboradores dos periódicos envolvidos: “seria essa disputa uma forma de possibilitar discussões propícias à construção de uma identidade moderna nos grandes municípios do Estado do Paraná”? Neste contexto, questiona-se se havia o envolvimento político e financeiro por parte do governo estadual. Sobre isso já nos alerta a professora Rosângela Wosiack Zulian (2009, p. 114):

A construção da ideia de modernidade urbana paranaense foi elaborada por diversos intelectuais e/ou jornalistas paranaenses, por meio de trabalhos em geral encomendados por órgãos de governo. Dedicaram-se eles especialmente a Curitiba, representando-a como uma cidade ideal, em franco processo de urbanização, abrindo-se à cultura moderna, “uma camponesa que se torna cidadã.” Quando escrevem sobre Ponta Grossa, a perspectiva que refletem é semelhante. Esse grupo leu a cidade através de seus projetos, ressaltando neles as aspirações gerais da sociedade brasileira.

Ainda no ano de 1912, o Sr. Afonso Camargo, então governador do Estado, contrata o escritor e jornalista Nestor Vitor para colher e escrever suas impressões sobre o Paraná, relatos esses que foram transformados em um livro no ano seguinte, sob o título “A Terra do Futuro (Impressões do Paraná)”.

Faz-se necessário lembrar, que já nessa época existia um movimento orquestrado por vários intelectuais paranaenses, que visava justamente criar uma identidade própria ao Estado. Tal movimento era o Paranismo que, mesmo tendo sido formalmente batizado na década de vinte, já vinha se consolidando ao longo dos últimos anos.

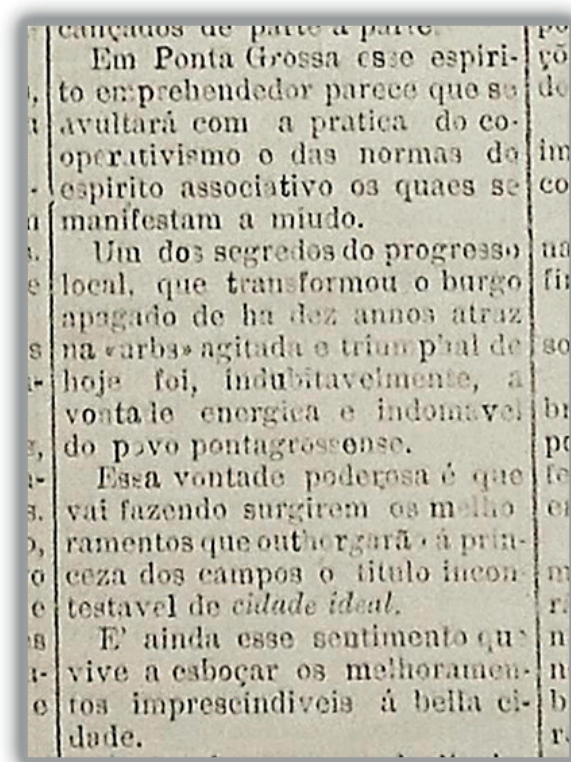
Com relação ao conteúdo das crônicas de Raul Gomes, o jornalista busca situar Ponta Grossa como uma cidade que se modernizou em relação aos anos anteriores, tendo na força do comércio e da indústria, junto com a vontade laboral de sua população, os alicerces de uma urbe de grande valor para o

4 “Raul Rodrigues Gomes nasceu em Piraquara (PR) em 02.04.1889 e faleceu em Curitiba a 12.11.1975. Era filho de Joaquim Rodrigues Gomes, comerciante, e Guilhermina da Costa Lisboa, professora. Formou-se professor no Ginásio Paranaense e foi professor normalista no município de Lapa. Retornou a Curitiba e ingressou nos Correios. Ao mesmo tempo, mantinha em sua residência uma escola de guarda livros. Na década de 1930 ingressou no curso de Direito da UFPR. Depois de formado, tornou-se professor e catedrático da Universidade e, segundo diversos depoimentos, suas aulas e seu método de ensino participativo marcaram época nessa Instituição. Foi contista, jornalista e crítico literário. Colaborou intensamente na imprensa curitibana. Possui diversos títulos publicados na área literária e de educação, entre eles destaca-se Histórias Rudes – contos (1915); O Desespero de Chan – romance (1926), Sugestões para a História Literária do Paraná (1936).” (IORIO, 2006, p.24).

Estado. Um discurso semelhante ao do Paranismo, movimento que tem como seu principal líder o escritor e historiador paranaense Romário Martins.

O presente projeto tem como objetivo geral estudar as representações e manifestações históricas no tempo, considerando questões relacionadas ao discurso de apresentação da cidade de Ponta Grossa como uma urbe moderna e a projeção de uma “cidade ideal”. A Figura 01 mostra a crônica publicada em 20 de julho de 1912. Nesse documento observa-se o discurso otimista de Raul Gomes que projeta uma “cidade ideal”.

FIGURA 1: Recorte da crônica de Raul Gomes publicada em 20 de julho de 1912.



FONTE: Jornal O Progresso. Casa da Memória Paraná.

Essa posição do escritor, ou seja, que lança seu olhar ao futuro, nos conduz à problematização sobre se essa identificação e projeção personificada são propostas de um conjunto de ações orquestradas para a criação de uma identidade estadual. Tais ações podem estar motivadas pelo sentimento de um corpo de intelectuais paranaenses, com o aporte político e financeiro do governo. Para isso, o recorte

deste estudo se dá entre o ano de publicação das crônicas “Ponta Grossa de hoje” (1912) e a década de 1920, que foi marcada por intensa atuação do movimento Paranista.

A primeira crônica, publicada no jornal “O Progresso”, se deu na edição de número 586, do dia 16 de julho de 1912, com a seguinte introdução do jovem escritor:

Ha muitas maneiras de narrarmos impressões. Ha formas diversas de contarmos aquillo que vimos, aquillo que ouvimos. Uns os observadores, collocam suas notas para digressionar formidavelmente, estudando na terçidez da prosa, o character e o costume dos povos. O que observaram é a materia prima com que controem os edificios e de estructura admiravel dos seus escriptos. Outros, espiritos ligeiros, sem preocupações, limitam-se a ver e a guardar na retina e reter na memoria as apparencias superficiaes das cousas.

Outros, artistas do lapis, embora sejam manejadores da penna, pegam tudo em 2 traços, isto é, em dois periodos, caricaturam um povo, contudo que elle tem de ruim, contudo que elle tem de bom. Nós nos comprometemos a publicar as impressões que recebemos, na última visita à adiantada cidade dos campos. Temos de transportá-las para as columnas deste jornal. Como a fará? pergunta o leitor, avido de curiosidade. (GOMES, 1912, p.1).

Em seu texto, verifica-se que a forma que ele propõe apresentar ao leitor a cidade de Ponta Grossa virá das impressões que o mesmo colheu durante a sua visita. Percebe-se depois, na leitura de suas colunas, que o mesmo também utilizará os sentidos de ver e ouvir.

[...] tomamos um carro do Hotel Palermo. Enquanto o vehiculo corria em direção áquelle estabelecimento iam trocando idéas com um amigo pontagrossense, que nos fora esperar á estação.
– Olha bem para este carro, dizia-me elle.
– Que tem?
– Não lhe percebes uma qualquer cousa de veneravel?
– Acho lhe bastante velho, com os estelos cosados, com estes couros corroídos, com estas portinholas em petição de miseria.
– Pois é a velhice, é a senilidade do carro que transportou no seu bojo o imperador Pedro II. Sentado como nós, nestas almofadas o velho imperador andou por estas plagas, percorrendo os pontos mais pittorescos desta cidade.
Era um apontamento interessante. Reistramo-lo e mergu- lhamos num silencio pensando no Brazil de outrora, quando lhe reinava um monarcha bonachão, sabio e democrata, que, alquebrado pelos anos e pela doença, não trepidava em visitar os Estados mais longinuos, de cidade em cidade a sentir as necessidades do povo que o amava.
[...] Logo de chegada se tem uma impressão verda-

deira de se achar uma grande cidade, onde as forças próprias vivas trabalham constantemente. No pateo de frente se deparam aos viajantes 10 ou 12 carros de praça e vehiculos de conducção de bagagens. O movimento diario de passageiros augmenta e os desembarques parecem selo de batalhões. E que não são somente touristes mas operarios, imigrantes, que se encaminham para a bela urbs. Ponta Grossa, plantada em meio dos campos, derrama-se por outeiros. A casaria avista-se de longe, manchando com o vermelho dos tectos novos o verde glauco da campanha (GOMES, 1912, p. 2).

Este projeto tem como justificativa contribuir para a compreensão dos discursos e das representações da cidade de Ponta Grossa nas primeiras décadas do século XX, trabalhando com a hipótese de que esses discursos foram construídos com o intuito de se forjar uma identidade paranaense.

OBJETIVOS

• OBJETIVO GERAL:

Estudar as representações e manifestações históricas no tempo, considerando questões relacionadas ao discurso de apresentação da cidade de Ponta Grossa como uma urbe moderna, verificando a forma como as publicações textuais manipulavam a opinião pública, no afã de se criar uma identidade Paranista.

• OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Levantar nas crônicas de Raul Gomes as premissas que antecedem o Movimento Paranista;
- Verificar a hipótese de conluio nas publicações dos jornais;
- Averiguar quais as práticas sociais que eram exercidas na comunidade ponta-grossense no período em questão, bem como aspectos de geração de empregos, alfabetização e imigração;
- Compreender a posição de destaque de Ponta Grossa no Estado do Paraná nas primeiras décadas do século XX;
- Perceber quais eram as relações do jornal “O Progresso” junto à sociedade.

5. METODOLOGIA

Para verificar a hipótese da trama existente en-

tre os jornais a fim de convencer a opinião pública sobre a modernidade pretendida, faz-se necessária a confrontação dos diálogos do embate. No caso do jornal “O Progresso”, todas as edições estão disponíveis. Faltam ainda os periódicos “Correio do Sul” e “Folha da Manhã”. Na impossibilidade de conseguir essas fontes, propõe-se utilizar de métodos de “preenchimento de lacunas”, já que se tem uma parte dos diálogos com informações sobre os posicionamentos da outra parte. Assim procedeu a historiadora Natalie Davis em seu livro “O Retorno de Martin Guerre” (1987). Como menciona Kirschner (2013, p. 106): “Davis sentiu falta dos ‘talvez’, dos ‘pode ser’, de que o historiador dispõe quando a documentação é insuficiente ou ambígua”.

Faltam ainda as crônicas sobre Paranaguá para que se possa traçar um paralelo desta representação de modernidade. Porém, tanto as impressões desta cidade, levantadas por Nestor Vitor, bem como as publicações locais dessa época, como o “Jornal do Commercio”, podem contribuir como material comparativo. Como nos lembra Zulian citando Vainfas: “[...] ‘na falta de informações diretas, vale preencher a lacuna com a imaginação’, pois ‘há que ter paciência com o desconcerto das fontes’”. (ZULIAN, 2009, p. 17).

Adicionalmente, deve-se contextualizar a cidade de Ponta Grossa em um contexto mais amplo, compreendido pela busca por uma identidade moderna. Neste período, o Brasil buscava uma formação que o desvinculasse do antigo regime, o Império. Regionalmente, tínhamos além do Paranismo, movimentos como o Mineirismo, o Gauchismo e o Bandeirantismo (PEREIRA, 1996).

Sendo o objeto de estudo as crônicas textuais de Raul Gomes, publicadas no jornal ponta-grossense “O Progresso” em 1912, torna-se necessário compreendê-las como documento / monumento (LE GOFF, 2013) para refletir sobre as condições históricas da produção. Neste sentido, tem-se que estudar sobre a sua produção, caracterizando seus principais atores, ou seja, a mídia, o cronista e a cidade (CAPELATO, 1988). Em seguida, busca-se identificar os elementos que dão corpo às crônicas, como indústria, comércio e cultura, bem como as práticas sociais de grupos ou de indivíduos, trazendo o questionamento da cidade como moderna.

Outra etapa da pesquisa é prosseguir com mesmo foco contando com outras fontes como almanaques e revistas, assim como as pesquisas já realizadas e publicadas em livros e artigos acadêmicos. Os

almanaques estaduais ou municipais eram publicações que traziam assuntos variados como literatura, indicadores econômicos, política, situação da indústria e do comércio entre outros. Também os álbuns e registros fotográficos, que compreendem fotos da arquitetura, das ruas, das fachadas do comércio e da sociedade local fornecem uma dimensão das mudanças que ocorriam no cotidiano das cidades. Os livros de impostos e de alvarás também se destacam como uma importante fonte, pois indicam um panorama da economia local. Essas fontes podem ser consultadas na Casa da Memória de Ponta Grossa, no Museu dos Campos Gerais e nas bibliotecas públicas do município e do Estado.

Considerando que os documentos pesquisados compõem um grupo documental formado por textos e imagens, torna-se indispensável utilizar metodologias de análise que auxiliem a compreensão de suas relações com aspectos que enunciam ou simbolizam os modos de vida, os pensamentos da época em torno da modernidade nas décadas de 1910 e 1920. Tal escolha é pertinente pelo fato de que a modernidade representada nas crônicas de Raul Gomes projeta uma cidade ideal num futuro próximo.

Assim, faz-se necessária as análises comparativas deste período por meio de leituras de diferentes fontes textuais. Para isso, o projeto é orientado pelas seguintes referências teóricas:

Os conceitos de representação e apropriação apresentados nas obras de Chartier (1990, 2010) serão utilizados para fundamentar a pesquisa, bem como o contraponto oferecido por Ginzburg (2009), para o qual a narrativa deve conter provas.

As condições históricas da produção serão analisadas sob o viés do conceito de documento / monumento abordado por Le Goff (2013).

Os estudos de Walter Benjamin sobre a modernidade, pelo olhar de Baudelaire, são fundamentais. Algumas obras de destaque como “O Pintor da Vida Moderna” (2010), de Baudelaire; e “A modernidade e os modernos” (2000), “Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura” (2012), de Walter Benjamin.

A elaboração de esquemas de montagem por justaposição ou contraste deve ser considerada conforme verificado na pesquisa de Pesavento (2002) acompanhada pela construção da narrativa histórica (RICOEUR, 2007).

O método de preenchimento de lacunas apre-

sentado por Davis (1987).

Para Bourdieu (2009) é necessário identificar no autor a linguagem empregada e as diferentes posições por ele defendidas. O discurso de Raul Gomes em suas crônicas o aproxima do discurso proferido pelo Movimento Paranista, embora este ainda não tivesse se estabelecido de fato. Para o entendimento desse movimento, faz-se necessária a consulta de Pereira (1996).

Segundo Capelato (1988) devem-se verificar no periódico os seus objetivos, intenções, proprietários, consumidores e o período de sua produção. Para compreender o jornal “O Progresso”, faz-se necessário a consulta de pesquisas que se dedicaram à sua história e suas relações com o imaginário social, bem como as práticas culturais contextualizadas em seu tempo. Estas investigações podem ser encontradas em Chaves (2002), Bucholdz (2007), Holzmman (1996) e Pilotto (1973).

A metodologia comunicada por ZICMAN (1985) para trabalhar as relações entre história e imprensa serve como base para desenvolver este projeto.

A leitura e o entendimento do movimento Paranista, como nos proporciona PEREIRA (1996).

FONTES

Segundo as definições apresentadas por Janete Abrão em “Pesquisa e História” (2007, p. 21),

[...] fonte primária ou de primeira mão – é toda fonte escrita (impressa ou manuscrita), oral ou visual, que trata do tema investigado de modo direto, às vezes de modo original ou em primeira mão.

[...] fonte secundária ou de segunda mão – é toda a fonte escrita (impressa ou manuscrita), que trata do tema investigado de modo indireto ou em segunda mão.

O levantamento inicial das fontes primárias é apresentado no quadro a seguir. As fontes secundárias estão comunicadas na lista de referências, localizada no final deste projeto. Ambas são essenciais para estudar as representações e as manifestações históricas no período proposto.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete. Pesquisa e história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

ALBUM de Ponta Grossa. Curitiba: Impressora Pa-

- ranaense, [s.d.]. 117 p.
- ALBUM do Paraná. Curitiba: [s.n.], 1920.
- ALBUM do Paraná. Curitiba: [s.n.], 1923.
- ALBUM do Paraná. Curitiba: [s.n.], 1927.
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BENJAMIN, Walter. A modernidade e os modernos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BUCHOLDZ, Alessandra P. Diário dos Campos: memórias de um jornal centenário. Ponta Grossa, UEPG, 2007.
- BURKE, Peter. Testemunha ocular: História e imagem. Bauru: EDUSC. 2004.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa na História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CHAVES, N. B. (Org.); DITZEL, Carmencita H M (Org.); JOHANSEN, Elizabeth (Org.). **Visões de Ponta Grossa - festa, lembrança, trabalho**. 1. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2003. v. 2. 146p.
- CHAVES, N. B. (Org.); DITZEL, Carmencita H M (Org.); JOHANSEN, Elizabeth (Org.);
- CHAVES, N. B. (Org.). **Visões de Ponta Grossa. Ponta Grossa: UEPG, 2001. v. 1. 138 p.**
- CHAVES, N. B. A cidade civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos na década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.
- CHAVES, N. B.; CHAVES, E. ; VEIGA, Z. ; ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Visões de Ponta Grossa IV - Mosteiro da Ressurreição 25 Anos**. IV. Ed. Curitiba: Pós-Escrito, 2006. 124p.
- DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GOMES, Raul. Ponta Grossa de Hoje. **O Progresso**. Ponta de Grossa, 16 de julho de 1912.
- GOMES, Raul. Ponta Grossa de Hoje. **O Progresso**. Ponta de Grossa, 20 de julho de 1912.
- HOLZMANN, Epaminondas. **Cinco histórias convergentes**. Curitiba: Requião, 1966.
- IORIO Regina E.S. Intrigas & novelas: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. Tese de doutorado. Pós-graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- KIRSCHNER, Tereza Cristina. Entre tradições e inovações, o percurso crítico de Natalie Zemon Davis. **Cultura Histórica & Patrimônio**. Alfenas, v. 2, n. 1, p. 106, 2013.
- LE GOFF. A História Nova. IN: NOVAES, F. A.; SILVA, R. F. (Org). **Nova história em perspectiva**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2011.
- LE GOFF. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2014.
- LIMA, Solange Ferraz. Tratamento de fotografias em acervos museológicos. **Museu Paulista**. Oficina Labhoi, 2013.
- NOVAES, F. A.; SILVA, R. F. (Org). **Nova história em perspectiva**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2011.
- PEREIRA, Luis F. Paranismo: cultura e imaginário no Paraná dos anos 20. IN: **ANPUH, V. 1**, 1996, Londrina, Paraná.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** 2. ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2002.

PILOTTO, Valfrido. **Ideias de Ontem da Cidade Sempre Jovem.** Caderno em homenagem à cidade de Ponta Grossa em comemoração ao sesquicentário do Decreto nº 15 que criou a freguesia, 1973.

RENAUX, Sigrid L.S.; LANGE, Francisco L.P. RE-NAUX, Denis R. E. (org). **Frederico Lange: fotografias centenárias do Paraná e de outros locais.** Curitiba: Corgraf, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2007.

VÍTOR, Nestor. **A terra do futuro.** Curitiba: Mulptprint, 1996.

ZICMAN, Renê B. **História através da imprensa – Algumas considerações metodológicas.** IN: Revista História e Historiografia nº 4. São Paulo: EDUC, junho/ 1985.

ZULIAN, Rosângela Wosiack (Org.). **Visões de Ponta Grossa - Cidade e Instituições.** 1. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2004. v. 3. 217p.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **ENTRE O AGGIORNAMENTO E A SOLIDÃO: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965).** Florianópolis: UFSC, 2009. Tese (Doutorado em História).